

A força da Petrobrás está nos trabalhadores e não no mercado



"Nós funcionários da Petrobrás, reconhecemos que há problemas de corrupção na empresa, mas, acreditamos que corrigidos estes problemas, poderemos sair mais fortes e mais competentes como empresa brasileira". Trecho da ata assinada pelos trabalhadores da P-18, após debaterem propostas de defesa da Petrobrás e de boas práticas de gestão.

A indicação do empresário João Adalberto Elek Junior para a nova diretoria de Governança, Risco e Conformidade da Petrobrás confirma as preocupações externadas pela FUP em novembro do ano passado, quando a empresa anunciou a criação do cargo em resposta aos ataques que vem sofrendo. Na ocasião, deixamos claro que o combate à corrupção se faz com mudanças estruturais na gestão, que rompam com o modelo autoritário que se perpetua na Petrobrás desde o regime militar.

Além de criar uma diretoria com super poderes, enquanto mantém os trabalhadores às margens do seu processo decisório, a estatal ainda terceirizou para o mercado a indicação de seu gestor. É na força do corpo técnico e da massa de trabalhadores que

fazem a Petrobrás crescer a cada dia que a empresa deveria buscar a inspiração para enfrentar os atuais problemas e não no mercado.

O novo diretor terá, inclusive, acesso livre às investigações da companhia sobre corrupção, ao contrário dos trabalhadores, que desde outubro passado aguardam uma resposta para a reivindicação da FUP de participação nas comissões internas que apuram as denúncias de desvios de gestão.

Nas mãos do mercado

Escolhido através de uma lista tripartite, apresentada por uma consultoria internacional, contratada especialmente para selecionar executivos afinados com o mercado, João Elek Júnior é oriundo do setor financeiro e da área de telecomunicações, onde atuou prin-

cipalmente em empresas multinacionais, como o Citibank, AE&T e Telmex.

Como diretor de Governança, Risco e Conformidade da Petrobrás, ele terá poderes praticamente absolutos. Todas as questões que forem submetidas à Diretoria Executiva da empresa deverão primeiro passar pelo seu crivo. Seu mandato será de três anos e poderá ser renovado por mais um período. Para destituí-lo do cargo, é preciso que o Conselho de Administração tenha o consentimento de pelo menos um representante dos acionistas minoritários, fato que não ocorre com as demais diretorias da Petrobrás, onde basta a maioria simples dos votos, como assegura o estatuto da empresa.

Ou seja, o mercado passa a ter mais influência e poder sobre a Petrobrás do que o próprio Estado, que é o seu acionista con-

trolador. É aquela velha máxima de colocar a raposa para tomar conta do galinheiro.

Me diga com quem tu andas...

Em entrevista ao jornal Valor, o ex-presidente da Aepet e atual representante dos trabalhadores no CA da Petrobrás, Sílvio Sinedino, considerou "um marco" o processo de escolha da nova diretoria da empresa. Veja o que ele disse: "Deveríamos aproveitar esse gancho para defender que a Petrobrás passe a adotar processos seletivos também para a escolha de gerentes executivos e de novos diretores". É por essas e outras que é fundamental eleger para o CA da Petrobrás e da Transpetro conselheiros comprometidos com a pauta da classe trabalhadora.

FUP reúne-se com a Petros dia 22 para definir cronograma de implementação dos níveis dos aposentados e pensionistas

Depois de garantir no dia 16 de dezembro a aprovação no Conselho Deliberativo da Petros do acordo de pagamento dos níveis de 2004, 2005 e 2006 para os aposentados e pensionistas, a FUP discutirá com a Diretoria de Seguridade da Fundação o calendário de implementação desta conquista histórica. Após cobrança das lideranças sindicais e do conselheiro eleito, Paulo César Martin, a Petros agendou para o próximo dia 22 uma reunião com a FUP para definir o cronograma de todas as etapas do processo relativo à revisão e pagamento dos níveis, bem como a apresentação da metodologia de cálculo a ser utilizada.

A extensão para os aposentados e pensionistas dos níveis recebidos pelos trabalhadores



da ativa nos ACTs de 2004, 2005 e 2006 foi uma das principais conquistas da campanha reivindicatória de 2013. No entan-

to, a Petrobrás e a Petros não cumpriram totalmente o que foi acordado, levando a FUP e seus sindicatos a liderarem uma série

de mobilizações ao longo do ano passado.

A campanha salarial de 2014 foi aberta com um grande ato no dia 02 de setembro, em frente à sede da Petros, no Rio de Janeiro. A pressão surtiu efeito e a Petrobrás estendeu o acordo para mais de 34 mil assistidos do Plano Petros. O Conselho Deliberativo da Petros, por sua vez, criou uma série de obstáculos para aprovação do acordo, que tiveram que ser derrubados na luta pela categoria. Caravanas de aposentados e pensionistas tomaram a sede da Fundação em três grandes mobilizações organizadas pela FUP e seus sindicatos, nos dias 28 de novembro, 10 e 16 de dezembro, quando, finalmente, o Conselho Deliberativo aprovou o pagamento dos níveis.

Petrobrás volta aos tempos de FHC e retoma encomendas no exterior

Em meio às dificuldades de contratação que a Petrobrás vive em função da Operação Lava-Jato, que tem sob mira importantes fornecedores da empresa, os gestores já começam a anunciar que irão recorrer ao mercado internacional para suprir as necessidades da companhia. Ou seja, em vez de buscar alternativas dentro do país, dando continuidade à geração de emprego e renda que mudou a vida de milhares de brasileiros nos últimos 14 anos,

a direção da Petrobrás prefere voltar aos tempos de FHC.

Conforme noticiado no último dia 12 pelo jornal Valor, a empresa abriu licitação para contratar no exterior módulos de compressão de gás para as plataformas flutuantes que irão operar na região do pré-sal. Estes equipamentos iriam ser feitos no país pelo grupo lesa, um dos fornecedores da Petrobrás que estão sendo investigados pela Lava-Jato e, por isso, teve seu contrato rescindido. Segun-

do a reportagem, a Petrobrás admitiu em nota que “poderia recorrer a fornecedores externos para dar sequencia a seu plano de investimentos e que buscaria alternativas caso se constatasse algum obstáculo ao cumprimento das metas de conteúdo local”.

A FUP considera um imenso retrocesso essa decisão da Petrobrás, que coloca em risco uma das maiores conquistas dos trabalhadores no governo Lula, que é a política

de conteúdo nacional, fundamental para o desenvolvimento da indústria local. Essa conquista tem sido reiteradamente alvo de ataques dos mesmos setores que defendem o fim do regime de partilha e são contra a Petrobrás como operadora única do pré-sal. A FUP, junto com a CUT, intensificará as mobilizações em defesa da manutenção da política de conteúdo nacional e dos postos de trabalho que estão ameaçados.



Debaixo de forte chuva, militantes sindicais petroleiros e de outras categorias, lideranças políticas, movimentos sociais e representantes da sociedade civil participaram no último dia 09 de uma manifestação em Salvador, em defesa da Petrobrás e de seus trabalhadores e contra os corruptos e corruptores.

Eleição para o CA prossegue até domingo. Vote nos candidatos apoiados pela FUP



Prossegue até domingo, 18, o primeiro turno das eleições para a representação dos trabalhadores nos Conselhos de Administração do Sistema Petrobrás. A FUP e seus sindicatos apoiam Deyvid Bacelar para o CA da Petrobrás e Cláudio Nunes para o CA da Transpetro. Ambos são jovens lideranças sindicais, comprometidas com a pauta da categoria, principalmente no que diz respeito



às condições de trabalho e ao papel da Petrobrás enquanto empresa pública.

Deyvid é coordenador do Sindipetro-BA e técnico de segurança na RLAM. Cláudio Nunes é diretor do Sindipetro-NF e técnico do Terminal de Cabiúnas. Os dois foram admitidos em 2006. Acesse o perfil dos candidatos no facebook e conheça suas propostas: facebook.com/deyvidbacelarnoca e facebook.com/claudionunesnoca.

Votar é simples e rápido

Não leva nem dois minutos o acesso completo ao sistema de votação para os Conselhos de Administração da Petrobrás e da Transpetro. Veja como é simples e rápido:

1. Você pode votar pela intranet ou internet
2. Pela intranet, clique no banner verde, onde se lê "Eleição de Representante dos Empregados"
3. Pela internet, acesse o portal cael.petrobras.com.br. Você precisará necessariamente da senha extranet
4. Faça o login com sua chave e senha
5. Os candidatos aparecerão na tela por ordem alfabética. Vote Deyvid Bacelar (Petrobrás) ou Cláudio Nunes (Transpetro)
6. Clique na foto do candidato e confirme seu voto
7. O processo será finalizado ao receber a mensagem de confirmação

Centrais sindicais entram em campo contra redução de direitos e empregos

A CUT, CTB e demais centrais sindicais realizaram no dia 13 de janeiro a primeira reunião do ano, em meio a um cenário de demissões no ABC paulista e nas obras contratadas pela Petrobrás, além das medidas do governo que reduzem benefícios da Previdência Social. Em resposta a estes ataques, as lideranças sindicais anunciaram duas grandes mobilizações para janeiro e fevereiro.

No final deste mês (28/01), haverá um Dia Nacional de Lutas, com mobilizações, assembleias e paralisações em defesa dos empregos, direitos e pela revogação das medidas provisórias que alteram as regras para o seguro-desemprego, pensão por morte, auxílio-doença, abono salarial e seguro-defeso. Já no dia 26 de fevereiro, as centrais realizarão em São Paulo a Marcha da Classe Trabalhadora, com



concentração na Praça da Sé.

Na segunda-feira, 19, as lideranças sindicais se reúnem com o Ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Miguel Rosseto, onde cobrarão que o governo retire as medidas anunciadas (MPs 664 e 665). As centrais também divulgaram nota conjunta onde consideram "ina-

ceitável que as montadoras, empresas multinacionais que receberam enormes benefícios fiscais do governo e remeteram bilhões de lucros às suas matrizes no exterior, ao primeiro sinal de dificuldade, demitam em massa", referindo-se às mil demissões na Volks e na Mercedes que levaram os metalúrgicos à greve.

PETROBRÁS - na nota conjunta, as centrais sindicais também "exigem uma solução imediata para a situação dos trabalhadores e trabalhadoras das empreiteiras contratadas pela Petrobrás; defendem o combate à corrupção e que os desvios dos recursos da empresa sejam apurados e os criminosos julgados e punidos exemplarmente". As lideranças sindicais reiteram que esses fatos não podem ser usados "para enfraquecer a Petrobras, patrimônio do povo brasileiro, contestar sua exploração do petróleo baseada no regime de partilha, nem sua política industrial fundamentada no conteúdo nacional, e, muito menos, para inviabilizar a exploração do Pré-Sal". As centrais também não aceitam "que os trabalhadores da cadeia produtiva da empresa sejam prejudicados em seus direitos ou percam seus empregos em função desse processo".

Edição 1167 – Boletim da FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS Filiada à CUT www.fup.org.br

Av. Rio Branco, 133/21º andar, Centro, Rio de Janeiro - (21)3852-5002 imprensa@fup.org.br Edição: Alessandra Murteira - MTb 16763

Texto: Alessandra Murteira - Projeto gráfico e diagramação: Claudio Camillo - MTb 20478 Diretoria responsável por esta edição:

Caetano, Chicão, Castellano, Chico Zé, Dary, Divanilton, Enéias, Leopoldino, Moraes, Paulo Cesar, Silva, Silvaney, Simão, Ubiraney, Zé Maria.

Somos todos Charlie?

FOTO: Facebook/yonopago

O terrível atentado contra o semanário francês Charlie Hebdo no último dia 07, em Paris, continua sendo tema recorrente nas mídias em todo o mundo e gerou um caloroso debate nas redes sociais sobre liberdade de expressão e os limites da imprensa. O tema ficou ainda mais quente, após a marcha do dia 11, que levou para as ruas de Paris mais de um milhão de pessoas, reunindo líderes políticos da Europa, Israel, Palestina e estados árabes.

Enquanto a população comovida exibia cartazes com a frase "Je suis Charlie" (eu sou Charlie), que rapidamente ocupou as redes sociais de todo o mundo, políticos conservadores, como a primeira ministra da Alemanha, Angela Merkel, e o premier de Israel, Benjamin Netanyahu, ocupavam lugar de destaque na poderosa comissão de frente que abriu a marcha. Figuras acidamente criticadas pelo próprio Charlie Hebdo, cuja linha editorial é de esquerda, hipocritamente assumiram para si as dores das 17 vítimas dos atentados protagonizados pelos três extremistas islâmicos que foram depois executados pela polícia francesa.

Nas redes sociais, um novo movimento começou a questionar a espetacularização da mídia e a manipulação do atentado pela direita, que cresce a passos largos na Europa, com discursos e ações fascistas e racistas que aumentam ainda mais as desigualdades no continente que tem hoje mais de 8 milhões de imigrantes ilegais, 120 milhões de pobres e 27 milhões de desempregados. Outras manifestações passaram, então, a repercutir nas redes sociais através de um novo bordão: "Je ne suis pas Charlie" (eu não sou Charlie). Para ampliar o debate, a FUP selecionou algumas vozes que tentam explicar o que está por trás desse importante movimento.



Laerte - cartunista brasileiro

“Temos de entender o Charlie Hebdo dentro do contexto histórico. Os franceses começaram a fazer charge política na época da Comuna de Paris. Eles arriscaram tudo e nunca foi fácil. Foram decapitados, presos, exilados, sofreram o diabo. E a agressividade do trabalho deles nunca diminuiu. A França não só comporta como exige a presença de um humorismo desse tipo. No Brasil, a gente nunca produziu uma coisa assim”.

Michael Löwy sociólogo francês

“Muito foi dito a respeito do atentado, mas acredito que o importante a destacar é que se trata de uma revista de esquerda, num contexto de direitização européia muito forte (...). O crime é absurdo, mas é igualmente absurdo atribuir a responsabilidade a milhões de muçulmanos que vivem sua religião pacífica e tranquilamente. É uma armadilha - e precisamos lutar para que o mundo não caia nela. Se o presente nos indigna, o futuro nos preocupa”.

Leonardo Boff teólogo brasileiro

“Como toda população marginalizada, os muçulmanos franceses são alvo de ataques de grupos de extrema-direita (...). Os quadernos, capas e textos da Charlie Hebdo promoviam a Islamofobia (...). Com uma caneta se prega o

ódio que mata pessoas (...) Bater na população islâmica da França é covarde. É bater no mais fraco. (...) Por isso tudo, apesar de lamentar e repudiar o ato bárbaro de ontem (07/01), eu não sou Charlie”.

Alexandra Loras consulesa da França em São Paulo

“Acho muito triste que tenham morrido personalidades conhecidas. Mas me entristece também a explosão de um carro bomba que matou 37 pessoas no lêmén, em um atentado do mesmo grupo da Al-Qaeda, quatro dias antes do de Paris. Por que ninguém falou mais disso? As vidas do Charb e do Wolinski valem mais? Há um lado da história da França muito obscuro, que ela não quer assumir. A pátria mãe francesa parece ter esquecido os 400 anos de escravidão e 300 de colonização. A França ainda não se desculpou pela do-

res imensas que causou na África. Precisa se aceitar como sociedade multicultural e multirracial. E hoje ela não quer assumir esses filhos. Eu me coloco entre eles. Nos sentimos rejeitados. E me refiro aos africanos, aos árabes, aos asiáticos e aos judeus também. A todas as minorias”.

Latuff - cartunista brasileiro

“Em que pese que sou contrário às charges de Maomé e às constantes provocações ao mundo islâmico promovidas pelo jornal Charlie Hebdo, não posso concordar com o fuzilamento de jornalistas e charginhas. Esse tipo de ação só favorece ao discurso anti-islâmico e anti-imigração, cada vez mais forte na Europa. Eles (os islamofóbicos) têm agora uma oportunidade de ouro para atacar os muçulmanos por muito tempo”.

O silêncio diante de dois mil mortos na Nigéria

Enquanto os holofotes da imprensa se voltam comovidos para a França, a população da Nigéria segue às margens dos noticiários, que pouco ou nada repercutiram sobre o último atentado do grupo de radicais islâmicos Boko Haram, que desde o último dia 03 dizimou milhares de pessoas na cidade de Baga e arredores. Segundo a Anistia Internacional, foi o maior e mais mortal ataque do grupo, que pode beirar dois mil mortos, a maioria mulheres e crianças. As ações do Boko Haram no país já duram cinco anos e mataram mais de 15 mil pessoas. Cerca de um milhão de pessoas estão deslocadas, dentro da Nigéria, e centenas de milhares fugiram pelas fronteiras com Chade e Camarões.